

O Comboio em Portugal

A História, o Património e a Memória do Caminho de Ferro Português

www.comboio.em.pt

Edifício Multiusos de Nelas
19 de Junho a 02 de Julho de 2004

Aceitemos o convite e juntemo-nos ao grupo de “resistentes” de que Dario Silva, de forma meritória, faz parte. Seremos, assim, “resistentes” não porque – não confundamos! – queremos ser retrógados (não entraremos no coro acrítico dos que repetem sem verdade que “antigamente é que era bom”) mas, muito pelo contrário, por teirmarmos em que a nossa análise do presente e o nosso olhar em direcção ao futuro venham cerzidos por um conjunto de conhecimentos que adensam a compreensão dos fenómenos e coisas que Dario Silva nos faz “visitar”.

A exposição que se nos apresenta concorre para eliminar a “insustentável leveza” com que hoje muitos de nós (que não os “resistentes” de que agora fazemos parte) nos deixamos emparedar num imediatismo de uso das coisas, e, assim, perdermos a maravilhosa oportunidade de fruir delas. Esta exposição oferece ao visitante – e para o domínio particular na qual se insere: o caminho de ferro – um “jogo de cumplicidades” que se traduz em acabar com as muitas desculpas aparentemente boas para negarmos o acto de prazer e cultura que é enriquecermos o nosso conhecimento e desenvolvermos a nossa capacidade de “leitura” da viagem, por forma a transformarmos essa experiência ferroviária, seja ela de trabalho ou lazer, em mais do que um tempo que somos obrigados a sofrer, porventura mergulhando-nos no manejar do computador pessoal ou lendo as patranhas que muitas das revistas que hoje se publicam nos querem impingir.

Vejamos, então para além da função utilitária da viagem em comboio. Para tal a exposição fotográfica de Dario Silva oferece-nos a oportunidade de caminharmos em três direcções diferentes (mas o leitor poderá acrescentar outras). A primeira (sem que signifique ordem de precedência) surgirá ao analisar com mais detalhe as fotografias que mais chamarem a atenção ao visitante, permitindo-lhe mergulhar na dimensão sensorial que estas lhe oferecem – uma poderosa mensagem, através de um olhar pessoal que o fotógrafo sempre imprime ao que capta, criando um (novo) ambiente que dá todo um significado àquilo que porventura foi efémero e fugaz: aqui a presença humana, solitária ou em grupo, triste da separação ou alegre do reencontro, ignorando o comboio ou fazendo dele o centro das atenções; ali a omnipresença da paisagem, da linha, do comboio.

Deixar-se impregnar desses “ambientes” é seguirmos pela segunda dimensão da viagem: a da memória, que nos convoca para comparações - também nós certamente teremos já tido essa alegria, essa tristeza, esse espanto do olhar diante da paisagem que desfila, esse maravilhamento diante do comboio que segue para outros destinos e que, tantas vezes levou consigo o nosso sonho de outras vidas e outros horizontes, seja por desejo de aventura ou seja por necessidade de dar pão á boca, como tantas vezes aconteceu no caso da emigração portuguesa que, quando não o fez “a salto” escolheu muitas vezes o “Sud-Expresso” e a linha da Beira Alta para demandar terras mais acolhedoras, fosse em termos de liberdade de expressão do pensamento, fosse em termos de oportunidades de sustento.

Assimilados os ambientes e convocada a memória que os interpreta, resta-nos seguir a terceira avenida que Dario Silva nos permite abrir: a do conhecimento. Caberá aí ao leitor “resistente” saber da importância

do caminho de ferro no desenvolvimento industrial do século XIX e XX, dos seus avatares iniciais em muitos países (quantas declarações ignorantes se fizeram aquando do seu nascimento, e por vezes respeitadas da época!!) e também em Portugal (veja-se a história das empresas que se propuseram inicialmente construir as primeiras das nossas linhas e as aventuras da inauguração do caminho de ferro em Portugal, mesmo sob a pena por certo caricatural da imprensa da época). Interessado, quererá também conhecer a importância da linha da Beira Alta no carrear de pessoas e bens de além fronteiras (e além-Pirineus) para o nosso país, como artéria principal da nossa internacionalização, e no desenvolvimento turístico da Figueira da Foz; pretenderá saber dos receios das gentes industriais do Porto que chegaram a escrever em jornais da época que, com a abertura da linha da Beira Alta “a erva iria crescer nas ruas do Porto” (símbolo da perda de actividade que, julgavam, iria suceder no Porto), o que os levou a enveredar pela insensata aventura do desenvolvimento além-fronteiras da linha do Douro; descobrirá qual a influência decisiva que a linha da Beira Alta e o seu mais famoso comboio, o “Sud-Expresso” tiveram na penetração das ideias modernistas e liberais em Portugal como também o papel que essa mesma linha teve no êxodo em massa dos portugueses, nos anos 60 do século XX, em demanda da “Gare de Austerlitz” e do “bidonville” de Champigny, procurando vida melhor que a guerra colonial, uma terra madrastra e um modelo determinado de desenvolvimento lhes negava.

Percorrida a exposição, interiorizados os ambientes que as fotografias nos ofereceram para análise e deleite, e convocadas as memórias do passado e os desejos do futuro, resta-nos, para completar a nossa transformação em “resistentes” e fazermos companhia ao Dario Silva, deixarmo-nos conquistar pelo caminho de ferro, e, uma vez melhor conhecidos o seu passado, presente e futuro, passarmos a ver o comboio também, como um instrumento de fruição de uma qualidade de vida que não negará a vertente utilitária da viagem. Merece-o a ferrovia, pois que, contrariando coveiros demasiado apressados, aí está, ainda hoje, afirmando a sua indispensabilidade, seja para as mercadorias, seja no domínio do transporte de pessoas em áreas urbanas e suburbanas, seja nas ligações inter-cidades, com comboios cada vez mais rápidos e confortáveis, entre os quais avulta o comboio de alta velocidade, cuja declinação portuguesa dizem-nos que algum dia havemos de conhecer. Admirável “ferramenta”, o caminho de ferro tanto acomoda o passageiro para o qual a velocidade representa a única valência em causa na escolha do meio de transporte, quanto o “resistente” como já nós (o leitor e tantos autores de propostas escritas ou fotográficas) o somos, esse que entende querer a todo o custo dar-se ao luxo de poder pontuar a sua experiência de viagem pela recordação de uma fotografia desta ou doutras exposições, pela frase feliz de um livro de viagem ou pela conhecimento da história de uma estação, de uma terra, de um ponto na paisagem. Para nós, agora, existe a diferença e ao comboio que Dario Silva capta podemos atribuir uma “mágica” que Theroux, bem sintetizava. Num dos seus inúmeros livros de viagem, diz esse famoso autor que a diferença entre uma viagem de avião e uma viagem de comboio é que enquanto a primeira é, essencialmente, uma deslocação no tempo - parte-se as tantas horas e chega-se a outras tantas, sem nada acontecer de permeio - a viagem ferroviária é uma deslocação no espaço: no espaço que a própria organização interna do comboio nos oferece, permitindo-nos graus de liberdade que nos estão vedados noutros meios de transporte

mas sobretudo dando-nos o ensejo de assistir, entre o ponto de partida e o ponto de chegada, a todo uma progressiva decomposição da paisagem que nos é familiar e á criação daquela que viremos a encontrar no destino. Essa transformação dá-nos o sentido das coisas, das que ficam, das que mudam, das que desaparecem e nesse fluir reside grande parte do encanto do comboio: ficarmos com a sensação que partimos de um sítio para chegar progressivamente a outro e não que partimos de uma hora para chegarmos a outra.

As linhas escritas por Paul Theroux traduzem a experiência do signatário deste texto ao longo de muitas viagens pelos comboios da Europa e, para o que agora nos interessa, na linha da Beira Alta. Dessa linha conhecemos a sua época aristocrática das carruagens-camas e dos comboios de luxo na época de 50, em que o privilégio das viagens entre Paris e Lisboa eram apanágio de poucos e em que facilmente nos imaginávamos sucessores dos “estrangeirados” que, algumas décadas antes, traziam para Portugal os livros e as luzes da Europa mais avançada. Dessa linha conhecemos também a saga dos seus anos 60 em que as locomotivas arfavam em vã tentativa de vencer as suas rampas, mais depressa perdendo peças pelo caminho do que vencendo os seus 220kms de extensão, rebocando comboios agora longos de carruagens que traziam no seu ventre os filhos do país que dele fugiam. Dessa linha e dos seus comboios idos até à fronteira dos Pirinéus relembramos a tragédia do desastre de Alcafache, mas também as alegrias do retorno de emigrantes vindos para as tradicionais “vacanças” em Portugal, e que, mal chegados à fronteira franco-espanhola, se expandiam em modos e atitudes de quem já se sentia nos comboios do seu país e fartos de aturar patrão estrangeiro por dever de ofício se compraziam em mostrar que “aqui mandamos nós”. Dessa linha relembramos o convívio que o comboio permite, ao jantar na carruagem-restaurante ou no compartimento - o amigo não quer provar um pouco deste chouriço? Dessa linha recordamos a simplicidade com que quase partilhamos a intimidade de alguns dos habitantes das casas juntas à linha em algumas estações, o deslumbramento das suas albufeiras vistas do comboio e a altura das suas pontes. E porque não queremos deixar de o mencionar, apesar de já longe da Beira Alta, da sua continuidade até terras de França recordamos o prazer de se acordar em compartimento bem aquecido e se desliza silenciosamente pelos relevos do País basco espanhol, que a neve transformou em manto branco.

Maurício Levy

Lisboa, 17 de Maio de 2004



Breve Biografia do Autor

Dario Alexandre de Sá e Silva nasceu em Vila Nova de Famalicão a 8 de Abril de 1976.

Residiu em Couto de Cambeses (Barcelos) até 2001 e desde então em Tadim (Braga).

Completo o ensino secundário no Externato Infante D. Henrique, Ruíhe Braga.

Dedicou-se à fotografia a partir de 1995.

Ingressou na Licenciatura em Comunicação Social da Universidade do Minho em 1996.

Estagiou nos jornais “Região do Minho” e “Correio do Minho” em 2000.

Fotografou a cidade brasileira de Barcelos em 2000.

Estagiou como fotojornalista no jornal Público em 2001.

Colaborou com o Jornal de Notícias entre 2002 e Março de 2004 e colabora com vários jornais regionais.

Realizou o trabalho fotográfico “Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades” da Linha do Minho e Ramal de Braga em Abril de 2004. Edição REFER

Foi responsável pela edição de fotografia no catálogo da Linha do Sul: Projecto Ligação Lisboa-Algarve. Maio de 2004. Edição REFER

Apoios:

Universidade do Minho

Biblioteca Nacional

Centro Português de Fotografia

Caminho de Ferro Portugueses E.P.

Refer E.P.

Imagoteca Municipal de Coimbra/Casa da Cultura

Biblioteca Camilo Castelo Branco - Vila Nova de Famalicão

Direcção Geral de Turismo

ICEP

Câmara Municipal de Nelas